



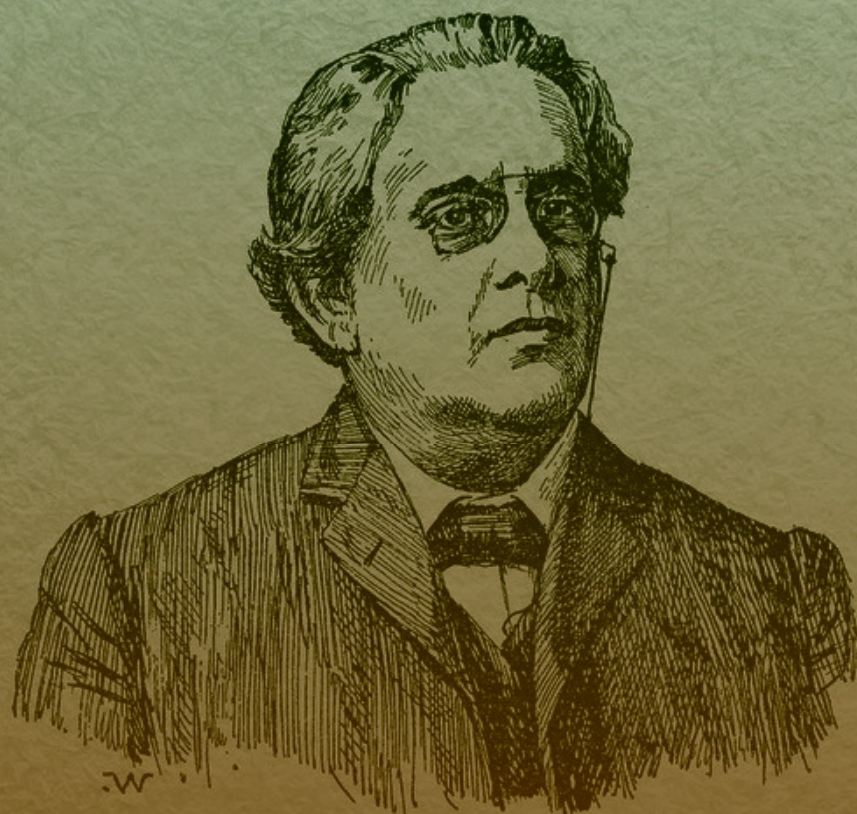
# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



Artur Azevedo

*Uma Véspera de Reis*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# *Uma Véspera de Reis*

## Artur Azevedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1876.

Livro Digital nº 486 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo**

**(1855 - 1908)**



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# UMA VÉSPERA DE REIS

## COMÉDIA EM UM ATO



*Representada pela primeira vez no Teatro de São João da Bahia, em 15 de julho de 1875.*

### **PERSONAGENS:**

REIS (pai de família)

BERMUDES (fazendeiro de Camamu)

ALBERTO (estudante de medicina)

JOSÉ (moleque)

FRANCISCA (mulher de Reis)

EMÍLIA (sua filha)

UMA VIZINHA

Dois pretos minas, rancho dos Reis, povo, etc.

*A cena passa-se na capital da Bahia, em uma casa do Largo da Lapinha. Atualidade.*

### **ATO ÚNICO**

*Em casa de Reis. Sala de visitas. Móvelia velha: mesa, cadeiras, piano de mesa. Castiçais com grandes mangas de vidro. Registros do Senhor do Bonfim. Palha benta em um dos cantos da sala. Ao fundo, porta que deita para o corredor; à direita, duas janelas; à esquerda porta comunicando com o interior da habitação. É dia.*

### **CENA I**

*José e Alberto.*

*(José está à janela, conversando com Alberto, que se acha da parte de fora)*

JOSÉ

Então, vossa senhoria me acha um cara de pau-de-cabeleira; não é assim, seu Doutor?

ALBERTO

Fecho-te já a boca... (*Dando-lhe dinheiro*) Toma lá dois mil reis.

JOSÉ (*examinando*)

Aqui só estão dez tostões... (*Guarda o dinheiro*)

ALBERTO

Logo dar-te-ei os outros dez. Anda! vê um momento em que ela esteja sozinha.

JOSÉ

Não se incomode! Venha de lá um charutinho para o moleque...

ALBERTO

Eu fico à espera do assobio ali, (*Aponta*) encostado ao chafariz...

JOSÉ

Faça favor de seu fogo. (*Acende seu charuto no de Alberto*) Pode ir descansado que a cabra é onça.

ALBERTO

Vê lá o que fazes, hein? Até logo... (*Desaparece*)

## CENA II

*José desce à cena e canta, findando o trêmulo que a orquestra tem conservado desde a introdução.*

## COPLAS

### I

Sou vivo como um azougue,  
para dinheiro arranjar;  
hoje não pude, no açougue,  
o carniceiro enganar.  
Apesar de ser moleque,

sou vivo como um senhor  
doutor;  
pra num bolso dar um cheque.  
Como eu ninguém há  
por cá.  
Olá!  
Como eu ninguém há!  
Olé!  
Como eu ninguém é!  
Oli!  
Como eu ninguém vi!  
Olô!  
Ninguém como eu sou!  
Olu!  
Ninguém é como tu!

## II

Que me importa que se diga  
qu'estes meus medos são maus;  
que sou doido de uma figa  
e ando feito um dois-de-paus?  
Se me vêm nas algibeiras  
moedas a tinir,  
cair!  
Dou-me bem co'estas maneiras,  
pois é isso que dá  
(*Esfrega os dedos*)  
pra cá!  
(*Aponta para as algibeiras*)  
Olá! etc.

## CENA III

*José e Emília.*

EMÍLIA (*vendo José a fumar*)

Muito bonito! Parece um dono de casa!

JOSÉ (*apaga o charuto com saliva e guarda-o atrás da orelha*)  
A bênção, iaiazinha?

EMÍLIA  
Adeus. (*Senta-se*) Já viste passar o Alberto, José?

JOSÉ  
Já sim, iaiazinha.

EMÍLIA  
Ora! Por que não me chamaste?

JOSÉ  
Coisa melhor, iaiazinha! Não se amofine! (*Mostra-lhe a carta e cantarola*) Trá lá rá lá lá...

EMÍLIA (*ergue-se vivamente*)  
Deixa ver! deixa ver!

JOSÉ (*arremeda-a*)  
Deixa ver! deixa ver! (*Esquiva-se ao alcance das mãos da moça, negando-lhe a carta; afinal trepa sobre uma cadeira e entrega a carta, depois de levá-la à maior altura em que possam tocá-la as mãos de Emília*)

EMÍLIA  
Deixa-te de confianças, moleque! (*Toma a carta*)

JOSÉ  
Eu é que devo levar a resposta, iaiazinha!

EMÍLIA (*abre e lê a carta*)  
“Milu. Peço-te que me deixes entrar hoje para a sala. O José ficará à porta e nos avisará quando avistar teu pai. À janela sempre podemos dar que falar a Vizinhaça. Teu — Alberto”. (*Guarda a carta*) Ora! seu Alberto não se enxerga!



JOSÉ

O que diz, iaiazinha?

EMÍLIA

Digo o que deve dizer uma menina de juízo: não consinto que ele transponha aquela porta sem o consentimento de papai e mamãe. Quando for meu noivo, sim...

JOSÉ

Se a iaiazinha soubesse o empenho que seu doutor mostra! Olhe, não diga nada a ele... mas... ele pediu-me que dissesse a iaiazinha que me entregou a carta com lágrimas nos olhos... *(Pausa)* Mas uma vez que a iaiazinha não quer... *(Vai a sair pelo fundo)*

EMÍLIA

José?

JOSÉ *(voltando ligeiro)*

Mando entrar o moço?

EMÍLIA *(depois de hesitar)*

Está bom, manda. *(José vai a sair)* Mas espera: é preciso que lhe afirmes que só consenti depois de muitas instâncias tua. Será bom que não me julgue fácil. Manda-o entrar. Onde está ele?

JOSÉ

Olhe. *(Aponta para a rua, pela janela)* Não vê aquele tipo encostado ao chafariz? Fumando?

EMÍLIA

Sim. Isso há de ser já, enquanto papai não volta e mamãe está ocupada com o doce de araçá... *(Vai saindo)*

JOSÉ

Então iaiazinha não fica para recebê-lo?

EMÍLIA

Eu devo vir lá de dentro como quem não sabe da coisa. Já te disse: quero que ele se persuada que eu não aprovo...

JOSÉ

Se sinhô velho descobre...

EMÍLIA

Anda! Não estejas aí a papaguear! Avia-te! (*Sai*)

#### CENA IV

*José, depois Alberto*

JOSÉ

O que eu quero é não ficar mal no negócio. Tenho medo destas coisas que me pelo. (*Vai a janela e assobia: responde-lhe da rua um outro assobio*) Moleque está fino no namoro!

#### DUETINO

JOSÉ (*à janela*)

Entre depressa, meu ioiozinho!

(*Correndo ao corredor*)

Não faça bulha! Devagarinho!

(*Alberto entra*)

Faça de conta que a casa é sua,  
pois sinhô velho está na rua.

ALBERTO

E sinhá velha?

JOSÉ

Lá na cozinha

Fazendo doce com iaiazinha.

ALBERTO (*à boca da cena*)

Eu sou Alberto Ribeiro estudante mais pimpão!

JOSÉ

Na bolsa pouco dinheiro muito amor no coração.

JUNTOS

Quando me lembro que a namorada

*Quando se lembra que a namorada*

nesta casinha vive isolada

deixo pro lado a Anatomia,

*deixa pro lado a Anatomia,*

e sem saudades da Cirurgia,

deito a correr pro seu lado!

*deita a correr pro seu lado!*

Sou ligeiro namorado!

*É ligeiro namorado!*

Olaré! Olaré!

Vida boa isto é que é!

JOSÉ

Não se demore muito, é que é; hoje, véspera de Reis, sinhô velho deve entrar cedo...

ALBERTO

E Milu? Onde está ela?...

JOSÉ

Iaiazinha não tarda. Está contente como quê! Mas não diga nada a ela, porque ela me disse que lhe dissesse que ela não aprova a entrada de vossa senhoria aqui e que só a muitas instâncias minhas...

ALBERTO

Bem. Toma lá dois mil reis... (*Dá-lhe dinheiro*)

JOSÉ

Aqui só estão dez tostões...

ALBERTO

Anda... Mexe-te... Logo terá os outros dez.

JOSÉ

Olhe; aí vem iaiazinha. (*Sai pelo fundo*)

## CENA V

*Alberto e Emília.*

EMÍLIA (*fingindo surpresa*)

Ui!

ALBERTO

Não se assuste... não se assuste... Sou eu...

EMÍLIA

Quem foi que o autorizou?...

ALBERTO (*interrompendo-a*)

Quando se ama, meu bem, não se quer saber de autorizações; o coração tudo autoriza e às leis que ele dita, não há desobediência possível.

EMÍLIA

Você tem lábias, tem...

ALBERTO

E lábios... para dizer que te amo, que te adoro, que és o sol de minha vida, a estrela da minha existência! (*Ajoelha-se*)

EMÍLIA

Ó gentes! Eu não sou santa, seu Alberto. Se alevante. (*Alberto ergue-se*) Mas estes estudantes são mesmo muito atrevidos. Ora se papai...

ALBERTO

Descansa; o José está à porta da rua para prevenir-nos...

EMÍLIA

Hei de contar a mamãe o desaforo de José. Você acha muito bonito andar de comunicações com o moleque, não?

ALBERTO

O que eu acho é que foi com o teu consentimento que...

EMÍLIA (*depois de fechar a porta da esquerda*)

Vamos ao que importa: o que me quer?

ALBERTO

O que te quero? Quero ver-te; falar-te; pintar-te ao vivo este amor; ouvir de ti mais uma vez que me amas.

EMÍLIA

Mesmo por você saber que o amo; mesmo por esperá-lo à janela para vê-lo passar e apertar-lhe a mão ou oferecer-lhe uma flor, é que você abusa! Ingrato! Fazer consentir em que tenha entrada aqui, sem papai e mamãe saberem!

ALBERTO

És injusta, Milu, és muito injusta. (*Emília faz-lhe má cara*) Está bem! Já não digo nada! Adeus! não quero comprometê-la... (*Dirige-se para a porta do fundo*) Não quero abusar...

EMÍLIA

Alberto?

ALBERTO (*quase a sair*)

Adeus.

EMÍLIA (*bate o pé*)

Alberto!

ALBERTO (*volta à cena*)

Milu?

EMÍLIA (*toma-lhe as mãos*)

Você não é homem; você é o diabo!

ALBERTO

Queres dizer que sou mulher?

EMÍLIA

Por que não me pede a papai?

ALBERTO

Já te disse que isso tem seus *quês*: teu pai, disseste-me, quer casar-te com o filho de um seu compadre...

EMÍLIA

Meu pai não é homem que obrigue a filha a casar-se à força!

ALBERTO

Ainda há outra coisa: eu tenho um tio...

EMÍLIA

Ah! você tem um tio? Ainda não me havia dito...

ALBERTO

Pois de onde me vem a mesada? De meu tio... É preciso que me entenda com ele... Se faz-me as vezes de pai, não é muito natural que eu, que faço as vezes de filho, case-me sem ao menos dizer: Água vai.

EMÍLIA

E se ele puser alguma objeção?...

ALBERTO

Não põe, não. Meu tio é muito meu amigo. É capaz de trepar ao céu, para ir buscar a lua, se eu lha pedir. O mais que pode haver é alguma demorazinha... Já estou no quinto ano... Logo que me formar...

EMÍLIA

Logo que se formar, adeus... Ora, eu bem conheço estes estudantes!  
Mentem por quantas juntas têm!

ALBERTO

Então já gostaste de algum, antes de mim?

EMÍLIA

Ó gentes! quem foi que disse?... (*À parte*) Só de três... (*Alto*) As  
minhas amigas é que me contam...

ALBERTO

Histórias! Se elas os merecessem, como me mereces, não havia  
motivo de queixa... (*Toma-lhe as mãos*) Sossega: prometo que hei de  
ser teu marido, a menos que te esqueças de mim.

EMÍLIA

E posso contar com a mesma firmeza de sua parte?

ALBERTO

Ainda me perguntas?

EMÍLIA

Jure...

ALBERTO (*estende solenemente a mão*)

Juro... (*Outro tom*) pelo que queres que eu jure?

EMÍLIA

Por tudo quanto há de mais sagrado...

ALBERTO (*estende solenemente a mão*)

Por tudo quanto há de mais sagrado... Estás satisfeita?

EMÍLIA

Estou, sim; é impossível que você quebre um juramento tão bonito!

ALBERTO

Se já estivesse formado, jurava-te à fé de meu grau!

## CENA VI

*Emília, Alberto e José.*

JOSÉ (*entra a correr*)

Iaiazinha! Seu doutor! Fujam! Fujam!...

*(Toda a cena é rápida e de movimento)*

ALBERTO e EMÍLIA

O que é? O que é?

JOSÉ

Quando dei por mim, sinhô velho já vinha por trás da igreja!...  
Fujam! Fujam!...

ALBERTO

Logo que ele entrar para o corredor, eu pulo pela janela. (*Coloca-se atrás da janela*)

EMÍLIA (*vai à janela e volta*)

É impossível!

JOSÉ

Depressa!

ALBERTO (*a Emília*)

Por quê?...

JOSÉ

Depressa!

ALBERTO (*a Emília*)

Mas por que, por quê?



EMÍLIA

Seu Antônio está na porta.

ALBERTO

Quem é seu Antônio nesta vida?

EMÍLIA

É o maroto da venda...

JOSÉ

Chi! Uma língua danada! Quando não tem de quem falar, fala de si... Depressa! Sinhô velho já deve estar na porta... *(Vai à porta e volta aflito com as mãos na cabeça)*

EMÍLIA

Estou perdida!

ALBERTO

Ah! esta mesa... *(Esconde-se debaixo da mesa)*

REIS *(fora)*

Vamos entrando...

EMÍLIA

E vem acompanhado... Meu Deus! O que sairá daqui?...

JOSÉ

Salve-se quem puder! *(Vai saindo e Reis, que entra com Bermudes, agarra-o pelo braço)*

REIS *(a José, no fundo)*

Ó José, logo que vires o Manuel, aquele negro que foi capitão do canto da Soledade (tu o conheces...) com outro, carregando os baús do compadre, levá-os lá para o sótão... O carroto já está pago... Vai...

*(José sai; durante a cena que se segue vêm-se passar pelos fundos dois negros, carregando os baús; depois tornam a passar em sentido contrário,*

*com as mãos vazias; Alberto de vez em quando espia por baixo do pano que deve cobrir a mesa e mostra que está impaciente e mal acomodado)*

## CENA VII

*Emília, Alberto, Reis e Bermudês.*

BERMUDES (*sem reparar em Emília, bem como Reis*)

Você está num casão, compadre. Quanto paga por isto?

REIS

Trinta mil reis.

BERMUDES

Tem purrões? (*Senta-se junto à mesa*)

REIS

Não, mas aqui a Vizinha da esquerda tem, e é quanto basta. (*Outro tom*) Compadre, você vai para o sótão... para o quarto do Antonico, seu afilhado... Aquilo por lá é fresco... há de gostar...

BERMUDES

E onde está ele?

REIS

O sótão? É lá em cima... É só subir...

BERMUDES

Não; o Antonico.

REIS

Pois não lhe mandei dizer que foi para a Corte? Lá está na escola... escola... Ora diabo! esquece-me sempre o nome da tal escola... (*Repara em Emília*) Ó Milu! estavas aí? Antes de me tomares a benção, dize cá: como é o nome da escola em que está teu irmão, lá no Rio de Janeiro?

EMÍLIA  
Politécnica.

REIS  
É isso... é isso... Poli...

BERMUDES  
...técnica. O nome é danado.

REIS (*dá a benção a Emília, abraça-a e beija-a na testa*)  
Deus te faça santa! (*A Bermudes*) Aqui está minha filha, compadre; você não a conhece; quando veio da última vez à cidade, ela estava na Providência. Milu, tome a benção ao compadre de papai...

BERMUDES  
Qual a benção! Venha de lá um abraço ao velho amigo de papai e mamãe. (*Ergue-se*) A Iaiá não faz ideia como éramos camaradas quando papai morava em Camamu. (*Abraça-a*) Éramos a corda e o caldeirão... já lá vão uns bons vinte anos.

EMÍLIA  
Papai fala-me muitas vezes em vossemecê.

BERMUDES  
Pois não havia de falar? Entendíamos-nos perfeitamente! Camaradas em tudo: chapas combinadas para as eleições, gostos iguais, etc.; etc.! Que bons tempos! O que diz, compadre?

REIS  
Mas ainda você não me disse nada da pequena.

BERMUDES  
Pois que lhe hei de dizer? (*Graceja*) É muito feia... muito desajeitada... (*Abraça-a de novo*) Eh, eh! Mentira, Iaiá! É um anjinho de Nossa Senhora. (*A Reis*) Está satisfeito?

EMÍLIA (*enquanto Bermudes a abraça, a Reis*)

Isso é debique de seu compadre, não é, papai?

REIS

O que eu sei é que és uma rapariga de muito juízo...

EMÍLIA *(á parte, olhando com intenção, para o esconderijo de Alberto)*

Se ele soubesse...

BERMUDES

Mas onde está encantada esta comadre?...

REIS

Vais chamar mamãe, Milu, dize-lhe quem está cá...

EMÍLIA

É já, papai. *(Vai saindo)*

REIS

Olha: leva isto lá fora. *(Entrega-lhe chapéus e guarda-sóis seus e de Bermudes; Emília sai, olhando para o esconderijo de Alberto)*

BERMUDES *(vendo-a sair)*

Ora quem havia de dizer? Está uma moça, hein? Isto é que me faz velho... *(Senta-se)*

## CENA VIII

*Reis e Bermudês.*

BERMUDES

Está mesmo que parece talhadinha para o rapaz! Que bonito casal! Estou certo que, em se vendo, ambos os dois hão de ficar de beijo caído...

REIS *(senta-se ao lado de Bermudes)*

Eu também estou certo disso. *(Um pouco embaraçado)* Mas olhe, compadre, eu toquei nisso à pequena...

BERMUDES

Ah! Tocou?

REIS

Toquei, sim, compadre, toquei...

BERMUDES

Então, toque... (*Apresenta a mão a Reis que a aperta*) A pequena (já se sabe!) pulou de contente; não pulou, não?

REIS

Pelo contrário, compadre; torceu o focinho...

BERMUDES

Torceu?

REIS

Torceu, compadre, torceu...

BERMUDES

Aqui é que a porca torce o rabo... Mas ora adeus! Eu não quero que os pequenos casem sem se conhecerem. Eles que namorem primeiro um ano, dois... e depois amarrem-se! Falem-se, estudem-se! Se gostar um do outro, muito que bem; se não, já cá não está quem falou. Isso não vai a matar, nem vale a pena contrariá-los!

REIS

É que Milu... se não me engano...

BERMUDES

Se não se engana...

REIS (*com mistério*)

Tem aí o seu namorico...

BERMUDES

Então está tudo acabado! (*Erguem-se*) Dê-se o dito por não dito e deixe-se correr o barco! O que você não deve, compadre, é constrangê-la: olha que desses constrangimentos nasce muita coisa feia...

REIS

Aí vem sua comadre.

## CENA IX

*Alberto, Reis, Bermudes, Francisca e José.*

*(Francisca entra da esquerda com as mãos lambuzadas de doce e as mangas arregaçadas e José, do fundo)*

FRANCISCA (*expansiva*)

Ora viva o seu compadre!

BERMUDES

Ora viva a sinhá comadre! (*Quer apertar-lhe a mão*)

FRANCISCA (*foge com as mãos*)

Estou com as mãos sujas! Estava dando ponto a um doce de araçá, de que o compadre há de gostar e lamber os beijos. Mas venha de lá esse abraço!... Cuidado! não se suje...

BERMUDES (*antes de abraçar Francisca, a Reis*)

Com sua licença, compadre...

JOSÉ (*enquanto Bermudes e Francisca abraçam-se e depois conversam baixinho, aproxima-se de Reis*)

Sinhô velho?

REIS

O que é que me queres, moleque?

JOSÉ

Sinhô dá licença para eu hoje vir tarde para casa?

REIS

O que é que tens de fazer na rua, vadio?...

JOSÉ

Hoje é véspera de Reis... e eu sou do rancho...

REIS

O que tu és sei eu! Vá lá... vá lá...

JOSÉ

Sinhô velho faz bilhete?

REIS

Não é preciso; é véspera de Reis: podes andar sem bilhete. (*Dá-lhe dinheiro*) Não vá beber de cachaça, hein? (*A Bermudes, mostrando José*) Ó compadre, conhece esta peça?

BERMUDES

É um bonito moleque!

JOSÉ

Muito obrigado.

REIS (*a José*)

Cala a boca, moleque!

FRANCISCA

Já não se *alembra* dele, compadre?

REIS

O José... cria de nossa casa?...

JOSÉ

José Filomeno dos Reis, um criado de vossa senhoria...

FRANCISCA (*a José*)  
Cala a boca, apresentado!

BERMUDES (*recordando-se*)  
Ah! agora me lembro! Mas como está crescido este moleque!

FRANCISCA  
É muito vadio, compadre! Quando era pequenino...

BERMUDES  
A comadre estimava-o muito...

REIS  
Chegava mesmo a fazer-lhe a cama; agora, não vale o que come!

(*Bermudes e Francisca continuam a conversar baixinho*)

JOSÉ (*a Reis*)  
Posso ir, sinhô velho?

REIS  
Vai (*José vai saindo*) Ó que ideia! (*Chama*) José!

JOSÉ (*voltando*)  
Sinhô?

REIS (*a Bermudes*)  
Vou festejar a sua chegada, compadre! (*A José*) Uma vez que tu és do rancho, quero que faças com que ele venha a dançar aqui esta noite, ouviste?

JOSÉ  
Sim, sinhô: eu faço de *burrinha*...

FRANCISCA  
Você deita-me este moleque a perder, seu Reis! (*A Bermudes*) Todo dia santo este moleque leva todo o santo dia na vadiação.



REIS (*sem dar ouvidos a Francisca; a José*)

Está bom! Se vierem, dou uma gorjeta; se não vierem, levas uma dúzia de bolos!

JOSÉ

Antes quero a gorjeta, sinhô! (*Sai correndo e cantarolando*)

BERMUDES (*a Reis*)

Então, para festejar a minha chegada, manda você dançar os Reis hoje aqui... (*A Francisca*) O compadre é o mesmo: não mudou mesmo nada...

FRANCISCA

Deixa ele falar: aquilo é porque ele se chama seu Reis.

BERMUDES

Ah! ah! ah! A comadre teve graça! (*A Reis*) Também não mudou nada mesmo nada...

REIS (*a Bermudes*)

Mas ainda você não disse a Dona Francisca...

FRANCISCA (*interrompe-o*)

Lá vem seu Reis com Dona Francisca! O cabeçudo ao pé de gente não é capaz de me tratar por Dona Chiquinha...

BERMUDES

É costume antigo! Andavam sempre brigando por via disso em Camamu!

FRANCISCA

Aqui tem sido a mesma coisa! Veja lá, compadre! Com tantos anos de casados! E eu que embirro com semelhante nome de Francisca!

REIS (*maçado*)

Pois vá lá, Dona Chiquinha... (*Estala a língua*)

FRANCISCA

Mas vamos a saber... (*A Reis*) O que ia você dizendo?

REIS

É que ainda o compadre não lhe disse o motivo que o trouxe à cidade... Mas você interrompe a gente...

BERMUDES

Venho à cidade por via daquela questãozinha de terras... A comadre lembra-se?

FRANCISCA

Não me lembro eu de outra coisa! Questãozinha diz o compadre? Questãozona, digo eu! que muitos cabelos brancos lhe fez criar!

BERMUDES

Ora! as terras eram minhas! A legitimação estava feita... (*Sinal de assentimento de Reis e de Francisca. Pausa*) Mas eu dormi no negócio...

REIS

Foi todo o seu mal, compadre!

BERMUDES

Mas agora o coronel Casimiro...

FRANCISCA

Grandessíssimo cão! Não me hei de esquecer do dia em que ele me veio convidar para substituir a professora pública, que vinha doente para a cidade!

REIS

Ora! Aquilo é um vira-casaca muito desavergonhado!

FRANCISCA

Quando o bruto sabia perfeitamente que eu não sei ler!

BERMUDES

Não se admire, comadre, não se admire, porque aí por esse interior velho muita gente ensina aquilo que não sabe!...

REIS

Mas vamos à questão...

BERMUDES

O coronel Casimiro apresenta documentos de que as terras são dele! "Oh! digo eu cá comigo, esta agora fia mais fino!" Entreguei a minha causa na mão do Secundino Barbosa...

FRANCISCA

Quem? Aquele *rábule* que brigou a soco com seu Reis nas eleições de 54?

REIS

E por sinal me partiu dois dentes. (*Mostra a falta dos dentes e fala com a boca aberta*) que nunca mais tornaram a nascer!

BERMUDES

Esse mesmo! (*Em tom lamentoso*) Ah! compadre! (*Toma a mão de Reis*) Ah! comadre! (*Toma a de Francisca, esquecendo-se que está suja*) Aquele homem foi a morte de minha causa!

FRANCISCA e REIS

Sim? deveras?

BERMUDES (*abandona-lhes as mãos com desânimo*)

E talvez seja a causa de minha morte! (*Limpa a mão que pegou na de Francisca*)

REIS

Ora não pense nisso!

FRANCISCA

Ponha o coração à larga, compadre...

BERMUDES

Tem razão, compadre; tem razão, comadre; ambos os dois tem razão. (*Alegra-se aos poucos*) Principalmente hoje, véspera de Reis e dia de alegria, porque vi a vossemecês, a menina e amanhã verei também meu sobrinho. O tratante anda sempre a mudar-se e então agora está em férias: não posso procurá-lo na *Academia*, Olhem que aquele rapaz é o meu pecado! Mas, graças às cabaças, está quase senhor doutor e pronto para mandar gente para o outro mundo... Pouco se me dá dos cobritos que tenho gasto com ele neste!

FRANCISCA

E o que me diz a respeito de umas certas cartinhas trocadas entre seu Reis e o compadre?

BERMUDES

Já não se fala nisso! A moça gosta de outro e amor não é imposto pessoal.

FRANCISCA

Eu já não penso assim! Bem podíamos mostrar a Milu o verdadeiro caminho da felicidade...

REIS

Asneira no caso!

BERMUDES (*sentencioso*)

Comadre, o verdadeiro caminho da felicidade é aquele em que a gente anda por seu gosto e não aquele para onde nos empurram.

REIS

Apoiado! Casem-se à vontade as moças e depois lá se avenham!

FRANCISCA

O Compadre já sabe que o seu afilhado...

BERMUDES

Já. Já sei que está na escola... na escola... (*A Reis*) Como é o nome da escola, compadre?

REIS

Escola... escola... Como é, Dona Francisca?

FRANCISCA (*zangada*)

Dona Francisca, hein?...

REIS (*emenda*)

Como é, Dona Chiquinha?

FRANCISCA

Ora! Eu tenho o nome debaixo da língua...

BERMUDES

Eu também...

REIS

Eu também... (*Chama*) Milu, ó Milu!

(*Emília responde de dentro com um grito*)

REIS e FRANCISCA

Vem cá...

OS TRÊS

Escola... escola... Ora!

CORO

Ó que diabo de nome!

Ó que nome do diabo!

A paciência consome  
e da pachorra dá cabo!

CENA X

*Os mesmos e Emília.*

EMÍLIA

O que querem?

OS TRÊS

Como é o nome da escola em que está o Antonico?

EMÍLIA

Como? Não entendi!

OS TRÊS

Como é o nome... (*Calam-se e entreolham-se*)

EMÍLIA

Fale só um.

*(Tornam a falar todos a um tempo)*

BERMUDES

Fale você compadre.

REIS

Fale você, Dona Fran... Chiquinha.

FRANCISCA

Fale você, compadre.

BERMUDES

Como é o nome da escola em que está o Antonico?

EMÍLIA

Escola po-li-téc-ni-ca

OS TRÊS

Ahn...

REPETIÇÃO DO CORO

Ó que diabo de nome!  
Ó que nome do diabo!  
A paciência consome  
e da pachorra dá cabo!

EMÍLIA

Com licença. O tacho ainda está no fogo. (*Sai, olhando furtivamente para o esconderijo de Alberto*)

BERMUDES (*vendo-a sair*)

Que boa dona de casa esta ali se formando, hein, comadre?

FRANCISCA

Veremos, compadre, veremos...

REIS

Temos trabalhado para fazer dela não só uma boa dona de casa, como diz você; mas também uma senhora que saiba entrar numa sala...

FRANCISCA

Lá isso é verdade!

BERMUDES

Nunca lhe doam as mãos, compadre!

REIS

Já aprendeu francês, inglês, um bocadinho de italiano...

BERMUDES

Deveras?

FRANCISCA

Sim, senhor; e está agora *arrecordando* o português...

REIS

Olhe! (*Aponta para o piano*)

BERMUDES

Piano, hein?!

REIS

É como vê!

BERMUDES

Muito bem! (*Outro tom. A Francisca,*) Ora, comadre! Vim encontrar esta heroica cidade de São Salvador muito mudada!

FRANCISCA

É verdade! Ainda não me falou a esse respeito! O que me diz do parafuso?... Seu Reis já me fez trepar naquela geringonça! Mas não é mais a filha de meu pai... O compadre subiu pelo parafuso?...

BERMUDES

Subi, comadre, subi; mas também não é mais o filho de minha mãe... Eu estava só vendo desgrudar-se aquela futrica, e zás catrapus, era uma vez um Bermudes! (*Benze-se*) Nada!

FRANCISCA

E o chupão que se recebe? (*Imita*) Fuuu... Agora, os bondes, sim...

BERMUDES

Sim, senhora! Para aí vou eu! Falem-me dos bondes! Mas que mudanças, compadre, que invenções, comadre!

## TANGO

BERMUDES

Tanta mudança me faz confuso!  
Pois se o progresso anda tão fino,  
que temos bondes e parafuso,  
temos o cabo submarino!



— E até é uso  
lindas modinhas tocar o sino!  
Se o que se passa cá na Bahia,  
dizer-se quer mandar à França!  
vem a resposta no mesmo dia,  
e na viagem ninguém se cansa!...  
Virgem Maria!  
Me faz confuso tanta mudança.

OS TRÊS  
Virgem Maria! Etc.,

BERMUDEÊS  
Não há mais o que se invente!  
Que invenções encontrar vim!  
Por três tostões vai a gente  
até o fim do Bonfim!  
A libra chama-se quilo,  
segundo os novos padrões!  
O que nos falta é aquilo  
com que se compram melões...

OS TRÊS  
O que nos falta, etc.

REIS  
Dona Francisca, vá...

FRANCISCA  
Chame-me Dona Chiquinha, seu Reis! Jesus! que teima de homem!

REIS (*com resignação*)  
Dona Chiquinha, vá aprontar o sótão... Já sabe que compadre vem  
morar conosco?

FRANCISCA  
Nem a gente consentia que morasse em outra parte!

REIS

As bagagens já lá estão.

FRANCISCA

Então, com licença, seu compadre. Quando quiser, nada de cerimônias, que a casa é sua. *(Vai saindo e retrocede)* Ah! deixe-me acender estas velas.

*(A cena tem escurecido gradualmente. Francisca acende duas velas dos castiçais)*

REIS *(enquanto Francisca prepara a luz)*

Você não quer mudar de roupa compadre?

BERMUDES

Daqui a bocadinho... Se você tem um cachimbo, traga-me... Eu ainda fico por cá. Está agradável esta viração.

REIS

É já. *(Sai com Francisca)*

## CENA XI

*Alberto e Bermudes.*

*(Bermudes senta-se junto à mesa: pega num álbum, deita os óculos e começa a folheá-lo. Alberto sai do esconderijo)*

BERMUDES *(examina as fotografias)*

Este é Sua majestade... É um imperador bem bonito! Está acabado... Pois olhem que é mais moço do que eu... *(Folheia)* Aqui estão o compadre, a comadre, a Milu e o meu afilhado... Está muito bom este grupo... A comadre é que não está muito parecida, não. O Antonico, está um homem! Deus queira que faça alguma coisa lá pela tal escola *lipotécnica*...

ALBERTO (*aproxima-se pé ante pé de Bermudes, tapa-lhe os olhos e disfarça a voz*)

Quem sou eu?

BERMUDES

Oh! Oh! não aperte tanto! Sei lá quem é! Veja que o senhor está enganado: eu não sou o compadre; isto é: sou o compadre, sim, mas o compadre do compadre! Largue-me, senhor! e esta! Será algum maluco?

ALBERTO (*com voz natural*)

Então já adivinha?

BERMUDES

Que ouço!... Que vejo!... (*Ergue-se admirado e contente*) Pois tu... mas tu... oh! tu...

#### DUETINO

BERMUDES

Corre a meus braços!

ALBERTO (*abraça-o*)

Aqui me tem!

BERMUDES

Oh! meu Deus, isto faz tanto bem! (*Abre de novo os braços*) Novos abraços!

ALBERTO

Aqui me tem!

BERMUDES

Como estou satisfeito!

ALBERTO

E eu também!

BERMUDES

Mais um abracinho!

*(Mesmo jogo de cena)*

ALBERTO

Aqui estou eu!

BERMUDES

Oh! meu Deus, que de bens isto faz!

Oh! meu sobrinho!

ALBERTO

Oh! tio meu!

BERMUDES

Quanto estou satisfeito!

ALBERTO

Eu 'stou mais!

BERMUDES

Mas como diabo achas-te aqui?

ALBERTO

Vim seguindo-o: vossemecê vinha adiante; eu vinha atrás; até que afinal vi-o entrar para cá; esperei-o, a ver se saía; mas como vi entrarem as bagagens, disse: Bem, ao que parece, vai o homem hospedar-se ali...

BERMUDES

Bem mostras que tens cabeça; sais a teu pai que, para ir a qualquer parte, bastava que lhe ensinassem o caminho. Eu ia para o hotel, para de lá procurar-te e morar contigo... Onde moras tu agora?

ALBERTO

No beco do Tira-chapéu... numa república.

BERMUDES  
República?!

ALBERTO  
É uma espécie de Boêmia...

BERMUDES  
Boêmia?...

ALBERTO  
É uma espécie de república...

BERMUDES  
Ahn... (*À parte*) A explicação foi bem dada, mas eu fiquei na mesma...

ALBERTO  
Mas, afinal de contas, por que não foi morar comigo?

BERMUDES  
Encontrei o compadre, que obrigou-me a vir para cá. Mesmo porque, em casa do compadre estou melhor do que numa... como chama?

ALBERTO  
República.

BERMUDES  
Mas que diabo quer dizer uma república?

ALBERTO  
É uma espécie de...

BERMUDES  
...de Boêmia. Estou ciente. Cá recebi, não havia pressa! (*À parte*) Isto é por força nome de mezinha...

## CENA XII

*Os mesmos e Reis.*

REIS (*traz um cachimbo aceso e um cálice de aguardente que oferece a Bermudes*)

Aqui tem, compadre, o cachimbo e um golinho de aguardente para refrescar. (*Cumprimenta Alberto*)

BERMUDES (*fumando*)

Meu sobrinho, de quem tantas vezes falamos.

REIS

Ah! Sim?... Como está, senhor doutor? Sinto que nunca nos viesse ver...

BERMUDES

Quem teve a culpa foi esse seu criado. Não lho apresentei, porque disse lá comigo: Quanto menos conhecimento tiver, mais depressa andará em seus estudos...

REIS (*amável*)

E como soube que estava aqui o senhor seu tio, doutor?

BERMUDES

Seguiu-nos...

REIS

Oh! e por que não falou logo?...

ALBERTO

É que a princípio duvidei que fosse meu tio; mas depois que vi entrarem as malas...

REIS

Então foi pelas malas que o conheceu?

BERMUDES

É que elas trazem o meu nome...

REIS

Ahn...

ALBERTO (*à parte*)

Feliz acaso...

BERMUDES

Compadre, vamos para o tal sótão... Quero conversar com este rapaz sobre seus estudos, sua vida na cidade. (*A Alberto*) Quero dizer-te também o que me fez sair do meu sossego...

ALBERTO (*à parte*)

Bis.

BERMUDES

E mostrar-te uma ferida que tenho... mas não te mostro, não. Tu já tens tempo de sobra para saber...

ALBERTO (*com importância*)

Ora!

BERMUDES

Talvez seja alguma... Boêmia, hein?...

ALBERTO

Que disparate, meu tio!

REIS

Vamos, compadre. Passemos pelo corredor!

(*Saem pelo fundo*)

### CENA XIII

*Emília depois Francisca.*

EMÍLIA (*entra pressurosa e, depois de certificar-ser que está só, ergue o pano da mesa sob que estava escondido Alberto; tristemente*)

Foi-se!

FRANCISCA (*entra*)

Quem?...

EMÍLIA

Senhora?

FRANCISCA

Quem é que — foi-se —?

EMÍLIA (*perturbada*)

Donde?

FRANCISCA

Ó Milu! Pois não arribaste o pano da mesa e não disseste — Foi-se? Foi-se quem?...

EMÍLIA

Ah! era um camundongo...

FRANCISCA

Pois aqui em casa não havia ratos...

EMÍLIA

Não era rato; era camundongo...

FRANCISCA

Vem a dar certo: eles hão de crescer por força... Vou mandar pôr pelos cantos das casas bananas espetadas com *fosques*.

EMÍLIA

Isso não é bom; vossemecê já o fez, e em vez dos ratos, foi o gato que comeu as bananas e morreu.



FRANCISCA  
Pobre Rocambo!e!

EMÍLIA  
Para onde foi seu compadre, mamãe?

FRANCISCA  
É provável que para o sótão, que é o quarto que está marcado para ele. E por falar no compadre, menina: se te casasses com o sobrinho...

EMÍLIA  
Havia de ser muito infeliz...

FRANCISCA  
Pelo contrário: havias de ser muito feliz. O compadre é homem endinheirado e o tal sobrinho vem a ficar com aquilo tudo...

REIS (*fora, do sótão*)  
Dona Francisca... ó Dona Francisca!

FRANCISCA  
Lá está teu pai a chamar-me de Dona Francisca. Olhem que é forte teima! Pois não respondo não!

REIS (*fora*)  
Dona Francisca...

FRANCISCA  
Grita para aí.

REIS (*no mesmo*)  
Dona Francisca...

FRANCISCA (*a Emília*)  
Vê se ajudas a Maximiniana a passar aquele doce de araçá para as compoteiras.

REIS (*no mesmo*)  
Dona Francisca...

FRANCISCA  
Grita!

REIS (*no mesmo*)  
Dona Chiquinha! ó Dona Chiquinha!

FRANCISCA  
Ah! isso é outro cantar... (*Muito terna*) O que é, seu Reis, o que é? Aí vou eu... (*Sai pelo corredor*)

#### CENA XIV

*Emília.*

EMÍLIA  
“Havias de ser muito feliz”, disse mamãe. Moço... rico... Ora quem dirá que o Alberto há de ser sempre constante?... Este é certo e sempre ouvi dizer que não deixes o certo pelo duvidoso... Mas não! Não! Isso seria muito feio! Um moço que nunca vi, nunca conheci... (*Cai numa cadeira*) E não tenho uma amiga, uma confidente... uma conselheira... que me ouça... que me atenda... que me aconselhe... (*Olha para a rua*) Ah! ali vem a nossa Vizinha Dona Emília... uma viúva traquejada nestas coisas de namoro... Foi Deus que me mandou!... (*Vai à janela e fala para fora*) Ó Vizinha, antes de entrar em casa, podia dar-me uma palavrinha?

VIZINHA (*fora*)  
Duas ou três, se quiser...

#### CENA XV

*Emília à janela e uma vizinha na rua.*

VIZINHA (*modos hipócritas; vestida a passeio*)

Como está, meu nome?...

EMÍLIA

Assim-assim. E a senhora?...

VIZINHA

Muito constipada; mas agora vou melhorzinha. Vim agora da Lapinha; fui levar uma velinha ao menino Jesus...

EMÍLIA

Para ficar boa?...

VIZINHA

Então? Ah! meu nome! a senhora não faz ideia! Desde que fiquei viúva, nunca mais tive um dia de saúde! Parece história! De mais a mais hoje acabei de engomar e pisei n'água fria!

EMÍLIA

Que loucura, meu nome! Não faça mais semelhante cousa...

VIZINHA

Não foi por querer. Meu sobrinho Vitor (aquele que é tipógrafo) não pode lavar as mãos sem deixar o lugar do lavatório todo molhado. Ai! Ai! enquanto não me casar não tenho sossego!

EMÍLIA

Ora, meu nome! O que tem seu sobrinho e o lavatório com o seu casamento?

VIZINHA

Não é só isso, meu nome: os ataques histéricos não me largam...

EMÍLIA

Então a senhora acha que é muito bom o casamento?...

VIZINHA

Ó gentes! o que pode haver melhor do que a gente ter seu maridinho? Meu nome, por que não se casa?...

EMÍLIA

Isso é bom de dizer... A senhora bem sabe que o Alberto...

VIZINHA

Quem?... O doutor Alberto?... Se a senhora vai atrás dele, está bem aviada, meu nome... Aquilo é um empata...

EMÍLIA

Como é que sabe disso?...

VIZINHA

Gosta de todo o mundo... feminino. Ainda outro dia... era um dia santo. *(Como lembrando-se)* Que dia santo era, Emília? *(Recordando-se)* Creio que foi no dia de Natal... vinha ele no bonde piscando o olho... Adivinhe a quem, meu nome?...

EMÍLIA

A quem, meu nome?...

VIZINHA

A uma irmã de caridade...

EMÍLIA

O que é que diz?...

VIZINHA

Ele passa aqui todos os dias por minha causa...

EMÍLIA

Por sua causa?...

VIZINHA

Por minha causa... E lança-me sorrisos ternos e diz amabilidades...

EMÍLIA

O que está dizendo, minha rica senhora?...

VIZINHA

Menina, eu tenho muita prática de homens, sei o que são essas coisas...

EMÍLIA

Pois olhe, Vizinha, há um moço rico com quem me desejam casar...

VIZINHA

Deveras?...

EMÍLIA

Deveras: é o sobrinho do padrinho do meu irmão...

VIZINHA

E o que vem a ser da senhora?...

EMÍLIA

Uma vez que papai é compadre do tio dele e ele é sobrinho do compadre do papai, é por conseguinte de mamãe também... e como sou filha do compadre e da comadre do tio dele, creio que vem a ser meu primo...

VIZINHA

Um primo, e ainda em cima rico, não é moleque de tio Chico... Agarre-o com unhas e dentes, meu nome. Acredite que isto de maridos, qualquer serve, contanto que seja homem...

EMÍLIA

Mas sempre supus que o Alberto fosse de outra marca...

VIZINHA

Não é capaz! Agora eu?... Eu talvez me case com ele...

EMÍLIA (*vivamente*)

Como?...

VIZINHA

Tenho muito jeito para endireitar homens...A senhora verá como ele há de andar direitinho como um fuso! Adeus, meu nome: Nossa Senhora a faça feliz...

EMÍLIA

A senhora quer vir dançar os Reis aqui?...

VIZINHA

O moleque já me deu essa novidade... Quando eles vierem, eu passarei pela cerca e cá virei também... Até logo... (*Some-se*)

EMÍLIA

Até logo, meu nome... (*Sai da janela*)

## CENA XVI

*Francisca e Emília.*

FRANCISCA (*entra muito contente*)

Menina... Iaiá... aposto que há de casar-te com o sobrinho do compadre...

EMÍLIA (*à parte*)

Ouviu tudo... (*Alto*) Sim, senhora: estou deliberada a isso...

FRANCISCA (*à parte*)

Já sabe quem é. (*Alto*) E nada me dizias, hein, minha disfarçada? Hoje mesmo fica combinado o casamento. Agora, vai ajudar a Maximiniana que são horas de acabar com aquele doce de araçá...

EMÍLIA

Não conheço o meu noivo: mas estou certa de que havemos de ser ambos muito felizes... (*Saindo, à parte*) O que não dirá o Alberto?... (*Sai*)

FRANCISCA (*vai-lhes ao encontro*)

Venham... venham...

## CENA XVII

*Alberto, Reis, Bermudes e Francisca.*

BERMUDES

Então? Onde está a Milu, comadre?...

FRANCISCA

Está ocupada com o doce de araçá.

ALBERTO

A senhora disse-lhe quem era eu?...

FRANCISCA

Não; mas ela o sabe...

ALBERTO

Como assim? É impossível!!!...

FRANCISCA

Pois quando vim do sótão e lhe disse: aposto que hás de casar com o sobrinho do compadre, ela disse-me logo que estava resolvida a isso...

ALBERTO (*admirado*)

Oh! Então ela?...

REIS

Então? que cara é essa, senhor doutor?...

BERMUDES

Não gostas de Milu?

ALBERTO

Muito; mas muito!

REIS

Pois se ela quer...

FRANCISCA

...casar com vossa senhoria...

ALBERTO

Justamente por querer casar comigo, é que... Não! Ela não quer casar comigo... ela quer casar com o sobrinho do compadre!

REIS (*à parte*)

Enlouqueceu...

BERMUDES (*à parte*)

Está doido...

FRANCISCA (*à parte*)

Enlouqueceu...

REIS

Mas então quem é o sobrinho do compadre?...

BERMUDES

Quem é o meu sobrinho?...

ALBERTO

Eu sei o que ou... A Senhora Dona Francisca...

FRANCISCA

Um favor, senhor doutor: trate-me por Dona Chiquinha...

ALBERTO

...sabe que o sou... (*Aponta para o Reis*) O senhor... (*Aponta para o tio*)

Vossemecê — sabem; ela, porém, não o sabe...



REIS (*à parte*)  
Enlouqueceu...

BERMUDES (*à parte*)  
Está doido...

FRANCISCA (*à parte*)  
Enlouqueceu...

REIS  
Endoideceu...

BERMUDES  
Está doido...

REIS  
O melhor é chamarmos a Milu; ela nos há depor isto em pratos limpos...

BERMUDES  
Apoiado!

FRANCISCA (*chama*)  
Milu... ó Milu...

*(Milu responde de dentro com um grito)*

REIS e FRANCISCA  
Vem cá...

### TRIO

BERMUDES  
Se percebo... se percebo, sebo! (*A Reis e Francisca*) Perceberam a trapalhada?

REIS e FRANCISCA

Nada!

BERMUDES  
Não entendo!

FRANCISCA  
Não compr'endo!

REIS  
Percebendo  
quase estou...

BERMUDÊS  
Pois dê graças  
às cabaças:  
o compadre adivinhou!

BERMUDES, REIS e FRANCISCA  
Que embrulhada!  
que maçada!  
É preciso adivinhar!  
A charada  
complicada  
ninguém pode decifrar!

### CENA XVIII

*Francisca, Alberto, Reis, Emília e Bermudês.*

EMÍLIA (*de olhos baixos*)  
Senhora?

FRANCISCA  
Vem cá, Milu: tu conheces aquele moço?... (*Toma-lhe o braço e aponta para Alberto*)

EMÍLIA (*sem levantar a vista*)

Não senhora...

REIS

Mas tu ainda não lhe viste o frontispício! (*Toma-lhe também o outro braço*)

FRANCISCA

Sim: não levantaste os olhos...

BERMUDES (*benze-se*)

Cada vez isto se complica mais!

REIS

E não te queres casar com ele?...

EMÍLIA (*à parte, e ainda de olhos baixos*)

Resolvi o contrário... Não posso esquecer-me do Alberto...

FRANCISCA

Então, não respondes?...

EMÍLIA

Não senhora.

REIS

Não respondes ou não queres casar?

EMÍLIA

Não quero...

FRANCISCA

Responder ou casar?

BERMUDES (*benze-se*)

Jesus!

EMÍLIA

Casar...

TODOS (*menos Alberto e Emília*)

Ora esta!

ALBERTO

Que satisfação!

TODOS (*espantados*)

Satisfação!

EMÍLIA (*reconhece a voz de Alberto, levanta os olhos*)

Ah!... (*Corre para ele*) — Quero! Quero!...

TODOS (*espantados*)

Quer?

EMÍLIA

Pois este é que o sobrinho do compadre?

TODOS

Este é que é o sobrinho do compadre.

EMÍLIA

Quero! quero! por que não hei de querer? (*Conversa baixo com Alberto*)

REIS (*a Bermudes*)

Estão doidos, compadre!

BERMUDES (*a Francisca*)

Estão doidos, comadre?

BERMUDES, REIS e FRANCISCA

Que embrulhada!

que maçada!

É preciso adivinhar!

A charada  
complicada  
ninguém pode decifrar!

*(A orquestra une com essa música o canto popular dos Reis, tocado em surdina)*

REIS  
Doidos ou não, casem-se!

FRANCISCA  
Apoiado! E lá vem os Reis.

### CENA XIX

*Francisca, Alberto, Reis, Bermudes e a Vizinha.*

VIZINHA *(entra da esquerda)*  
Aqui estou eu, Vizinhas... Os Reis já estão perto, meu nome...

ALBERTO  
Senhora viuvinha da parte d'além, que quer se casar e não acha com quem, ponha-se ao fresco, senão... A senhora quando andou a intrigar-me, não se lembrou daquela célebre cartinha que me escreveu, bastante para perder a sua reputação se a tivesse...

VIZINHA  
Ó que vergonha, meu nome!... *(Vai saindo pelo fundo e esbarra com José, que entra em costume de burrinho)* Ui! *(Desaparece)*

### CENA XX

*Francisca, Alberto, Reis, Bermudes, Emília e José; logo depois o Rancho dos Reis, Povo, etc.*

JOSÉ  
Licença pro rancho, sinhô velho...

REIS

Entre o rancho...

*(Todos sentam-se, formando grupos. A música rompe forte; o Rancho dos Reis entra e começa a executar suas danças e cantigas; povo agrupa-se na janela e invade a casa)*



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**